

ZILLES, Urbano. **O racional e o místico em Wittgenstein**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p.96. ISBN 1997885743019552

Raíssa Marcelli Alves Rocha de Melo

### 1. Credenciais do autor:

Mons. Urbano Zilles é bacharel e licenciado em Filosofia e Teologia, sendo professor titular do departamento de filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e além da carreira docente, também atua como editor em revistas especializadas de filosofia. Tem uma vasta produção acadêmica e além do *Racional e o Místico em Wittgenstein*, também lançou **Meditações de Sumaré** (1998) e **Teoria do conhecimento e teoria da Ciência** (2005).

### 2. Resumo da Obra:

Zilles organiza “O Racional e o Místico em Wittgenstein” de acordo com as ideias propostas pelo pensador, objetivando fazer uma análise estrutural para que se possa conseguir uma introdução da linha geral da filosofia proposta por Wittgenstein. Para isso, Zilles sistematiza e faz reflexões em torno das duas principais obras do filósofo, a saber: “Tractatus Logico-Philosophicus” e “Investigações Filosóficas”, respectivamente ditas a 1ª e 2ª fases do autor.

Nesta sistematização, Zilles busca fundamentar seu trabalho com a ajuda de obras que marcam a fase de “transição” de Wittgenstein, “Os Cadernos Azul e Marrom” e “Da certeza”. Além de contar com a leitura do principal comentador, David Pears, e de autores secundários como Karl Otto Apel e Alfred Ayer. No geral, a obra se divide em três partes, cabendo a cada uma delas a responsabilidade expor as ideias gerais de Wittgenstein: na primeira parte, Zilles apresenta um panorama sobre a filosofia do século XX e levanta os dados biográficos de Wittgenstein, contextualizando com uma breve introdução ao movimento filosófico da época e como a filosofia analítica marca a trajetória do filósofo, apontando, assim, os aspectos gerais da filosofia de Wittgenstein. Na segunda parte, Zilles coube à responsabilidade de adentrar na primeira obra de Wittgenstein: O “Tractatus Logico-Philosophicus”. Neste tópico, Zilles apresenta ao leitor a estrutura da obra e como ela está escrita, para melhor facilitar a leitura e compreensão, além de distinguir em tópicos os conceitos-chaves presentes, partindo da sua proposta de teoria da figuração, à sua compreensão sobre linguagem e os conceitos de mundo factual e transcendental. Neste tópico, Zilles traça o que há de presente da religião e do místico que se encontra na obra.

Já na terceira parte, Zilles buscou expor os conceitos-chaves presentes na obra “Investigações filosóficas”, que marca a segunda fase de Wittgenstein, usando do mesmo método de organização em tópicos dos conceitos wittgensteinianos. Nesta parte, Zilles traz uma reflexão sobre a mudança de perspectiva do primeiro e segundo Wittgenstein, expondo o conceito de jogos de linguagem, da qual Wittgenstein insere uma nova perspectiva na filosofia da linguagem e sobre os conceitos de significado, significante, sinais

e compreensão. É no levantamento destes que Zilles destaca uma relação entre a linguagem e o místico considerando o que foi proposto pelo filósofo em suas obras aqui analisadas.

Na introdução, o autor aponta a fama e a notoriedade de Wittgenstein na filosofia moderna, afirmando haver uma “indústria” sobre suas obras. Faz também presente a notável característica de independência em Wittgenstein: Ao mesmo tempo em que o filósofo propõe uma crítica da filosofia como uma descrição da linguagem (um método analítico), Zilles o enxerga com algumas características consideradas como uma não negação da metafísica, mas o foco de Zilles, no entanto, é fazer uma introdução do pensamento wittgensteiniano de modo didático, para que leigos em matemática e lógica consigam ter uma compreensão razoável do filósofo. No entanto, ao fazer isso, Zilles acaba ignorando pontos cruciais de Wittgenstein, que são justamente suas concepções sobre as sentenças lógicas e as proposições matemáticas, dando ênfase, portanto, apenas na filosofia da linguagem e na filosofia da mente proposta – principalmente ao lidar com a relação linguagem-mundo, tratando-se como isomorfismo.

A vida e obra de Wittgenstein estão presentes no livro de forma bastante resumida, principalmente porque Zilles reduz seu foco apenas à ideia geral do filósofo (presente em ambas as obras dele que foram estudadas): Compreender a estrutura do pensamento e seus limites através da linguagem (cf. pag. 11); afirmando contundentemente que mesmo que o centro de atenções de Wittgenstein fosse a linguagem, não foi por intenção que ele descrevera uma filosofia dela e que a preocupação de Wittgenstein sobre o silêncio proposto no aforismo 07 do *Tractatus* fosse aquilo que transcendesse à linguagem, da qual o autor nominou de campo do inefável ou místico. Sendo notável nenhuma preocupação ou comprometimento para um estudo aprofundado deste, pois na concepção wittgensteiniana, o que está presente no inefável pode ser pensado, mas não expressado logicamente.

Para introduzir o “*Tractatus Lógico-Philosophicus*”, propõe as seguintes questões: Pode-se pensar o mundo sem que este pensar se faça (simultaneamente) na linguagem (em proposição)? E assim, o que seriam as proposições? Qual a sua natureza lógica? Zilles aborda estas questões como ponto central de sua investigação na obra, usando do mesmo raciocínio tractatiano: A investigação para responder estas questões é começar por entender a estrutura interna da obra, da mesma forma que Wittgenstein faz quando procura responder suas questões com a natureza das proposições, e passa a conceituar cada parte. Zilles revisa todos os conceitos presentes e destaca a linguagem e sua função de designar um conjunto de todos os elementos (nomes e predicados) e de como estas expressam a realidade (isomorfismo de linguagem e imagem) da teoria de figuração (cf. pag.31). É usufruindo da noção da linguagem como expressora da realidade, que o autor destaca neste capítulo a descrição da filosofia como trabalho puramente linguístico. No decorrer da obra de Zilles, o autor compreende as características kantianas a partir da tentativa de tratar os limites do pensamento através da linguagem (problema geral do *Tractatus*) com o objetivo de discernir a legitimidade das pretensões teóricas da filosofia (cf. pg. 31) e relaciona como Kant influencia no que Wittgenstein procurou delimitar o que pode ou não ser dito (cf. pg. 48).

Ao tratar da obra “*Investigações Filosóficas*”, Zilles recorre à leitura de outra obra de Wittgenstein, que marca o período de transição do filósofo entre o “*Tractatus*” e *Investigações: Os “Cadernos Azul e Marrom”*. Este aporta uma conexão entre a filosofia da linguagem apresentada no “*Tractatus*” e a da obra citada neste parágrafo. Em “*Investigações Filosóficas*”, Zilles apresenta o conceito de linguagem como um conjunto de proposições com ações desempenhadas e modificadas de acordo com cada situação que lhe é conduzida, ou seja, a linguagem já não tem uma natureza lógica estruturalmente

uniforme e conduz um jogo contextualizado com os adversos fatores externos, os **jogos de linguagem**. Nesta nova teoria da linguagem, a sua origem não necessita de fatores externos, não é necessário a existência de sentimentos. O chamado “ter em mente” (cf. p.68) não é determinado pela experiência de vida do sujeito, portanto não pode descrever estados de consciência, como quando alguém que expressa que sente dor ou que se sente mal e o interlocutor responde alguma solução prática baseada na própria experiência. A linguagem não se limita apenas na expressão de palavras, elas quando expressas sozinhas, podem ser dadas sem sentido e uma compreensão incompleta, enquanto que o sentido da linguagem, compreendida como um conjunto complexo é dado de acordo com as situações em que é colocada. O critério de sentido da linguagem se dá nos jogos (que são diversos e conectados entre si como uma rede) e nas formas de vida em seus múltiplos jogos.

## 2. Indicações

Zilles faz uma introdução ao pensamento de Wittgenstein bastante compreensível para os poucos entendidos de lógica e matemática; evitou os cálculos proposicionais presentes no *Tractatus*, mas parece ter esquecido ou ignorado fatos importantes. Zilles trabalhou melhor no aspecto psicológico e relativista do *Investigações Filosóficas* e conseguiu construir uma síntese da filosofia geral de Wittgenstein. O livro ao todo é uma leitura descomplicada e com pouquíssimos termos técnicos e, portanto, não exigindo maiores conhecimentos sobre lógica e filosofia analítica, mas existem algumas colocações que poderíamos colocar em dúvida. Quanto às reflexões de Zilles em relação do místico e religião, afinal, seria então que teríamos uma leitura errada de Wittgenstein herdada pelos estudiosos do círculo de Viena? Essa é uma questão que ainda deve ser muito debatida e ainda em relevância aos estudos metafísicos que foram colocados em segunda mão pela filosofia analítica e não deve ser reproduzida como uma certeza nas teorias do filósofo. E quanto a Wittgenstein mesmo sendo analítico e causador da virada linguística, este era portador de uma fé cristã, entretanto não se pode afirmar com certeza se Wittgenstein olhava a religião de bons olhos sob perspectiva filosófica. Talvez o místico e o inefável não seja o que Zilles propôs que fosse: Uma metafísica reformulada, pois não há como objetificar aquilo que não pode ser dito, apenas mostrado, tal como apontado na própria filosofia wittgensteiniana.